

USF: 50 ANOS EDUCANDO PARA A PAZ

Irmãos e irmãs, queridos colaboradores, estudantes, Fraternidade Franciscana, Reitor, Presidente da Casa Nossa Senhora da Paz, Provincial, demais autoridades presentes e todos os que fazem parte da grande família da Universidade São Francisco!

Reunimo-nos hoje diante do altar do Senhor para celebrar, agradecer e renovar a esperança. Celebrar cinquenta anos de uma história que não nasceu apenas de um projeto educacional, de uma decisão administrativa ou de um empreendimento humano, mas de um ideal, de uma vocação e de uma missão inspirados pelo Evangelho de Jesus Cristo e pelo testemunho de São Francisco de Assis. A Eucaristia é, antes de tudo, ação de graças. Por isso, neste dia, queremos elevar a Deus nossa gratidão por todos aqueles que sonharam, trabalharam, ensinaram, aprenderam, administraram e se doaram para que a Universidade São Francisco chegasse até aqui. Agradecemos pelos que estão presentes, pelos que continuam sustentando esta obra e, de modo muito especial, por aqueles que já partiram, mas deixaram suas sementes nesta terra fecunda. Celebrar cinquenta anos é olhar para trás com gratidão, contemplar o presente com responsabilidade e olhar para o futuro com esperança. Quero conduzir esta reflexão a partir de duas grandes inspirações da espiritualidade de nosso pai São Francisco: a oração “Senhor, faz-me instrumento de vossa paz” e o maravilhoso Cântico das Criaturas. Nelas encontramos não apenas belas expressões de fé, mas um verdadeiro programa de vida, de educação e de compromisso com a humanidade.

1. Uma universidade que nasceu para servir

Quando recordamos os cinquenta anos da presença franciscana que deu origem à atual Universidade São Francisco, voltamos nosso olhar para 1976, ano em que a Casa de Nossa Senhora da Paz assumiu a gestão do então Instituto de Ensino Superior da Região Bragantina, em Bragança Paulista. Entretanto, a história que celebramos é muito mais antiga. Suas raízes espirituais remontam a São Francisco de Assis, que, há mais de oitocentos anos, compreendeu que a verdadeira grandeza humana não está em acumular riquezas, conquistar posições ou exercer poder, mas em amar, servir e construir fraternidade. Em 1945, a Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil havia fundado a Casa de Nossa Senhora da Paz, com o propósito de oferecer educação e assistência aos mais necessitados. Essa origem revela algo essencial: antes de ser uma instituição de ensino superior, esta obra já carregava no coração uma preocupação profundamente franciscana — cuidar da pessoa humana e contribuir para a transformação da sociedade. Em 1985, as Faculdades Franciscanas foram reconhecidas como Universidade São Francisco. Aquele reconhecimento institucional confirmou um caminho que vinha sendo construído com trabalho, perseverança e confiança na Providência. Mas precisamos compreender que uma universidade franciscana não se define somente por sua estrutura, seus cursos, seus laboratórios, seus títulos acadêmicos ou suas conquistas científicas. Tudo isso é importante e necessário. Contudo, sua identidade mais profunda está na pergunta que deve acompanhar cada decisão: que tipo de ser humano estamos ajudando a formar e que sociedade estamos ajudando a construir? É aqui que encontramos a beleza do ideal da USF, sintetizado na expressão “Educação para a Paz”. Educar para a paz não significa apenas ensinar a evitar conflitos. Significa formar pessoas capazes de reconhecer a dignidade do outro, de dialogar com quem pensa diferente, de combater as injustiças, de assumir responsabilidades e de colocar o próprio conhecimento a serviço da vida. Uma universidade que educa para a paz não prepara apenas profissionais competentes. Forma cidadãos conscientes, pessoas solidárias e seres humanos capazes de transformar a realidade. Por isso, o ensino, a pesquisa e a extensão não podem caminhar separados da fraternidade e da solidariedade. O conhecimento adquire sua plenitude quando ultrapassa os limites da sala de aula e se transforma em serviço à comunidade, oportunidade para os mais vulneráveis e instrumento de promoção do bem comum.

A educação franciscana não diminui a exigência acadêmica; ao contrário, dá-lhe uma finalidade maior. Queremos profissionais competentes, professores qualificados, pesquisadores comprometidos com a verdade e estudantes preparados para o mundo do trabalho. Mas

queremos, igualmente, que nunca se esqueçam de que, por trás de cada profissão, existem pessoas que precisam ser respeitadas, acolhidas e servidas.

2. Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz

A oração de São Francisco nos oferece a chave para compreender a missão da Universidade São Francisco.

“Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz”. Observemos bem: Francisco não pede simplesmente que Deus lhe conceda a paz. Pede que o transforme em instrumento dela. A paz, portanto, não é apenas um dom a ser recebido; é também uma missão a ser assumida. Ser instrumento significa colocar-se à disposição. Significa compreender que nossos talentos, conhecimentos, funções e responsabilidades não existem somente para nossa realização individual, mas também para o bem dos outros. Que bela inspiração para uma universidade! O professor torna-se instrumento de paz quando ensina com competência, mas também com respeito, paciência e humanidade. O pesquisador torna-se instrumento de paz quando coloca a inteligência a serviço da verdade e da melhoria das condições de vida. O gestor torna-se instrumento de paz quando toma decisões justas, transparentes e responsáveis. O estudante torna-se instrumento de paz quando compreende que sua formação profissional deverá contribuir para uma sociedade mais digna e fraterna. E todos nós nos tornamos instrumentos de paz quando substituímos a indiferença pela solidariedade, a rivalidade pela cooperação, a arrogância pela humildade e o preconceito pelo reconhecimento da dignidade de cada pessoa. A oração franciscana nos convida ainda a compreender que a paz exige atitudes concretas: levar amor onde existe ódio, perdão onde há ofensa, união onde há discórdia, esperança onde há desânimo e luz onde há escuridão. Não se trata de ignorar os problemas, esconder as diferenças ou fugir dos conflitos. Trata-se de enfrentá-los sem abandonar a dignidade humana, procurando caminhos de diálogo, justiça e reconciliação. Em nossos dias, quando tantas sociedades são feridas pela violência, pelas guerras, pela intolerância e pela polarização, a missão de educar para a paz torna-se ainda mais urgente. A USF tem diante de si uma responsabilidade que ultrapassa seus próprios muros. Cada estudante formado, cada pesquisa realizada, cada projeto social desenvolvido e cada comunidade beneficiada pode representar uma pequena, mas verdadeira vitória da paz. E talvez seja esse o maior legado que uma universidade possa oferecer: não apenas entregar diplomas, mas ajudar a formar pessoas que sejam, elas mesmas, instrumentos de paz no mundo.

3. A memória dos primeiros frades: três serviços, um único ideal

Ao celebrarmos esta história, não podemos deixar de recordar aqueles que estiveram entre os primeiros responsáveis por transformar o sonho em realidade. Permitam-me recordar, com emoção e gratidão, meus confrades Frei Constâncio Nogara e Frei Fábio Panini, ambos já falecidos, com quem compartilhei os primeiros passos desta caminhada. Frei Constâncio Nogara era o intelectual, o homem de sólida formação, que havia obtido seu doutorado em Roma e assumiu a responsabilidade de reitor. Representava a seriedade acadêmica, a organização do pensamento e a convicção de que uma instituição franciscana deveria oferecer uma formação universitária de qualidade. Frei Fábio Panini era o idealista, o sonhador, o homem profundamente comprometido com a identidade franciscana. Teve papel importante na preservação desse ideal e na escolha do nome Universidade São Francisco. Enquanto outras universidades franciscanas em diferentes países adotavam o nome de São Boaventura, aqui se fez a opção pelo nome do próprio fundador da nossa família espiritual. Era uma maneira de expressar, também por meio do nome, a ligação direta da instituição com o Pobrezinho de Assis. E eu, Frei Caetano, recebi a responsabilidade de cuidar da administração e da execução financeira, procurando assegurar as condições concretas para que aquele projeto pudesse se realizar. Recordando esses primeiros tempos, reconheço que cada um tinha suas características, seus dons e suas responsabilidades. Um cuidava especialmente da dimensão acadêmica, outro defendia e alimentava o ideal, e outro procurava garantir os meios administrativos e financeiros necessários. Éramos diferentes, mas estávamos unidos por uma mesma convicção: valia a pena trabalhar por uma universidade que tivesse uma alma franciscana. Recordo também que depois de nós três, vieram outros confrades

para integrar na nossa equipe, que permaneceu até a instalação da Universidade: Frei Edigar Weist, Frei Albino Kops, Frei Antônio Gasparini, Frei Tadeu Hêninhouse, Frei Gilberto Piscitelli. Hoje, olhando para trás, compreendo ainda melhor que nenhuma obra dessa natureza se constrói individualmente. Uma instituição duradoura nasce quando os talentos se complementam, quando as diferenças não destroem a unidade e quando todos reconhecem que a missão é maior do que qualquer pessoa. Por isso, nossa homenagem não se limita aos três frades. Ela se estende a todos os confrades, professores, funcionários, dirigentes, estudantes, benfeitores e colaboradores que, ao longo desses cinquenta anos, acrescentaram seu trabalho e sua generosidade a esta história. Alguns plantaram; outros regaram; outros cuidaram das raízes; outros chegaram quando a árvore já oferecia seus primeiros frutos. Todos, de alguma maneira, participaram desta construção. Aos nossos irmãos falecidos, oferecemos a oração e a saudade agradecida. Aos que continuam esta missão, entregamos a memória não como um peso, mas como uma herança que merece ser renovada.

4. O Cântico das Criaturas: gratidão, fraternidade e cuidado

Outra grande inspiração de São Francisco é o Cântico das Criaturas, no qual ele louva a Deus por meio do irmão Sol, da irmã Lua, das estrelas, do vento, da água, do fogo e da mãe Terra. É impressionante que Francisco, em um tempo marcado por tantas limitações, tenha sido capaz de contemplar o mundo com um olhar tão amplo, reconhecendo nas criaturas sinais da bondade de Deus. O Cântico das Criaturas nos ensina a agradecer. E agradecer é também aprender a reconhecer que a vida não começa nem termina em nós. Recebemos uma herança, usufruímos de dons que não produzimos sozinhos e somos responsáveis por aquilo que entregaremos às próximas gerações. Uma universidade franciscana precisa cultivar essa consciência. A ciência e a tecnologia são conquistas extraordinárias, mas devem caminhar acompanhadas de sabedoria e responsabilidade. O desenvolvimento econômico não pode ignorar a dignidade das pessoas. O progresso não pode justificar a destruição da natureza. A formação profissional não pode separar o conhecimento da consciência ética. O cuidado com a criação, tão presente no testemunho de Francisco, encontra hoje uma expressão urgente na defesa da casa comum. A educação deve despertar nos jovens a capacidade de compreender as relações entre a sociedade, a economia, a natureza e a vida humana. O Cântico das Criaturas também nos ajuda a compreender que a fraternidade não se restringe àqueles que pertencem ao nosso grupo, pensam como nós ou compartilham nossas convicções. Ela nos chama a ampliar o olhar, a reconhecer vínculos e a construir relações de respeito. Celebrar os cinquenta anos da USF à luz desse cântico é reconhecer que a Universidade recebeu muito da sociedade e tem muito a devolver a ela. É agradecer pelos frutos alcançados, sem esquecer aqueles que ainda aguardam oportunidades de educação, inclusão e desenvolvimento. É louvar a Deus não apenas com palavras, mas também com o compromisso de fazer da Universidade um lugar onde a inteligência se coloca a serviço da vida e onde a formação humana caminha junto com o conhecimento científico.

5. Cinquenta anos da USF e oitocentos anos do Trânsito de São Francisco

A providência nos oferece, neste ano de 2026, uma coincidência profundamente significativa: celebramos cinquenta anos da chegada dos frades que deram início a esta etapa da história universitária, ao mesmo tempo que recordamos os oitocentos anos do Trânsito de São Francisco de Assis, ocorrido em 3 de outubro de 1226. São duas datas muito diferentes em sua dimensão histórica, mas profundamente ligadas pelo espírito que as aproxima. Oitocentos anos atrás, Francisco concluía sua peregrinação terrena. Não deixou grandes riquezas, exércitos ou estruturas de poder. Deixou uma forma de viver o Evangelho, uma fraternidade, um testemunho de simplicidade e uma mensagem de paz que continua atravessando os séculos. Cinquenta anos atrás, nossos confrades chegaram para assumir uma missão educacional que, pouco a pouco, se tornaria a Universidade São Francisco. Também eles não poderiam prever todos os desafios, as conquistas e as transformações que viriam. Mas traziam consigo uma herança espiritual que os precedia havia séculos. A ligação entre essas duas celebrações está justamente aí: o carisma

franciscano permanece vivo quando alguém transforma a inspiração recebida em serviço concreto às pessoas e à sociedade. O Ano Jubilar Franciscano de 2026, proclamado pelo Papa Leão XIV por ocasião do oitavo centenário da morte de São Francisco, convida toda a Igreja a renovar esse testemunho e a tornar-se promotora de paz. Não se trata apenas de recordar um santo do passado, mas de acolher sua mensagem como uma tarefa para o presente. A USF pode viver este jubileu de maneira muito própria: renovando sua vocação de educar para a paz, fortalecendo a fraternidade em suas relações, ampliando o compromisso social e formando profissionais que compreendam a responsabilidade humana e ética de suas escolhas. Se Francisco, há oitocentos anos, ensinou que a verdadeira grandeza está em servir, e se os frades, há cinquenta anos, procuraram traduzir esse ideal em uma obra educacional, cabe às gerações de hoje encontrar novas maneiras de fazer esse mesmo espírito florescer.

6. Uma palavra de esperança aos que conduzem a Universidade hoje

Quero dirigir, agora, uma palavra especial àqueles que hoje conduzem a Universidade São Francisco: aos dirigentes, aos gestores, aos professores, aos colaboradores, aos estudantes e a todos os que assumem responsabilidades nesta instituição. Não lhes cabe simplesmente conservar o que receberam. Cabe-lhes manter viva a inspiração que deu origem a esta obra e encontrar respostas novas para os desafios de um mundo em constante transformação. Os tempos mudaram. Mudaram as tecnologias, as profissões, as formas de ensinar e aprender, as expectativas dos jovens e as exigências da sociedade. A Universidade precisa continuar inovando, investindo em qualidade acadêmica, fortalecendo a pesquisa, ampliando oportunidades e buscando sustentabilidade para sua missão. Mas, em meio a todas essas mudanças, há algo que não pode se perder: a alma franciscana da instituição. Uma universidade pode atualizar seus cursos, modernizar seus espaços, incorporar novas tecnologias e desenvolver novas estratégias. Tudo isso é necessário. Porém, se deixar de reconhecer a pessoa humana como centro de sua missão, perderá aquilo que a torna singular. Por isso, aos que hoje conduzem esta obra, digo: tenham coragem! Não permitam que as dificuldades apaguem o ideal. Não deixem que as exigências administrativas façam esquecer a finalidade humana da educação. Não tenham medo de inovar, mas nunca confundam inovação com abandono das próprias raízes. As instituições não atravessam cinquenta anos sem enfrentar crises, dificuldades financeiras, mudanças de direção, incertezas e decisões difíceis. A perseverança não significa que tudo será fácil; significa que a missão continua valendo a pena, mesmo quando o caminho exige sacrifício e discernimento. Recordem os primeiros frades. Eles também precisaram acreditar em algo que ainda estava começando. Não possuíam a história que hoje temos para contemplar. Tinham um ideal, a responsabilidade de fazê-lo acontecer e a confiança de que o trabalho realizado com honestidade e dedicação poderia produzir frutos. Não precisamos escolher entre competência e fraternidade, entre qualidade e solidariedade, entre tradição e inovação. O desafio é fazer com que essas dimensões se fortaleçam mutuamente.

7. Conclusão: agradecer, confiar e continuar

Meus irmãos e minhas irmãs, cinquenta anos são motivo de festa, mas também de responsabilidade. Hoje, diante de Deus, agradecemos pelo caminho percorrido. Agradecemos pelos sonhos que se tornaram realidade, pelas dificuldades superadas, pelas pessoas que fizeram a diferença e pelos milhares de estudantes que encontraram nesta Universidade oportunidades para construir seu futuro e servir à sociedade.

Agradecemos, de modo particular, pelos primeiros frades que acreditaram nesta obra. Frei Constâncio Nogara, Frei Fábio Panini e tantos outros confrades que contribuíram para essa história permanecem vivos em nossa memória e nos frutos de seu trabalho. Como Frei Caetano, sinto a alegria de ter participado daqueles primeiros passos e a emoção de contemplar o caminho percorrido. O que então era projeto e esperança tornou-se uma instituição que atravessou décadas e continua desafiada a responder às necessidades de seu tempo. Não sabemos exatamente o que os próximos cinquenta anos trarão. Mas sabemos qual é o espírito que deve nos orientar. Que a oração de São Francisco continue inspirando nossas decisões: Senhor, fazei-nos instrumentos de vossa paz! Que a Universidade seja lugar de reconciliação em meio às

divisões, de diálogo em meio às diferenças, de esperança em meio às incertezas e de solidariedade em meio às desigualdades. Que o Cântico das Criaturas nos ensine a agradecer pelos dons recebidos, a cuidar da casa comum e a reconhecer a fraternidade que nos une a todas as criaturas. Que São Francisco de Assis interceda por esta Universidade, por seus estudantes, professores, colaboradores, dirigentes e por todos aqueles que nela depositam seus sonhos. E que o Senhor conceda sabedoria aos que conduzem esta obra hoje, coragem para enfrentar os desafios, humildade para aprender com a história e generosidade para continuar servindo. Ao celebrarmos os cinquenta anos, não digamos apenas: “Vejam o que conseguimos construir”. Digamos, sobretudo: “Senhor, obrigado pelo que realizamos juntos. Mostrai-nos o que ainda precisamos fazer”. Porque uma universidade franciscana nunca termina sua missão enquanto houver pessoas a formar, injustiças a combater, conhecimentos a produzir, comunidades a servir e paz a construir.

Que o passado nos inspire, que o presente nos comprometa e que o futuro nos encontre fiéis ao Evangelho, ao carisma franciscano e à missão de educar para a paz.

Louvado sejas, meu Senhor, por estes cinquenta anos de história, por todos os que a construíram e por aqueles que, com esperança renovada, continuarão a escrevê-la. Amém.

Bispo emérito de Bauru, Dom Frei Caetano Ferrari